FATORES RELEVANTES DO ÊXITO INTERNACIONAL DO VOLEIBOL BRASILEIRO

MADE JÚNIOR MIRANDA
UEG-ESEFFEGO/PUC-GO/FAPEG/Goiânia, Goiás, Brasil
madejr@ig.com.br

O êxito do voleibol brasileiro pode ser analisado pela estrutura e organização disponibilizada para o desenvolvimento da modalidade. Este artigo tem como objetivo mostrar o aparato que dá suporte para que o trabalho de base e de apoio as equipes representativas do voleibol brasileiro possam se desenvolver com plenitude, dando as condições para o desenvolvimento de uma metodologia de treinamento racional e tecnológica que mantém as equipes entre os melhores resultados das competições internacionais.

Considerando-se a grandeza do país, sabe-se que hoje o Brasil tem aproximadamente 190 milhões de habitantes (CENSU, 2010) distribuídos em 26 Estados e um Distrito Federal numa área de aproximadamente 8.511.965 quilômetros quadrados. Cada Estado é formado por vários Municípios que formam uma união indissolúvel com a Federação. Os Estados mais desenvolvidos tem sido os litorâneos. Neste contexto o desenvolvimento esportivo brasileiro acontece em meio a muita diversidade social, cultural e econômica. Entre os esportes desenvolvidos o voleibol é o segundo mais praticado no país, perdendo apenas para o futebol (IBGE, 2007).

A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) é a entidade esportiva autorizada pela Federação Internacional de Voleibol (FIVB) a desenvolver e incentivar a prática do voleibol competitivo no Brasil. Especificamente para as categorias menores, além da participação nas competições internacionais, a CBV justifica o investimento pela necessidade de descoberta de talentos para os clubes e também para as seleções brasileiras adultas (ANFILO, SHIGUNOV, 2004). Nos últimos anos, todas as categorias representativas da CBV, tanto das equipes masculinas e femininas, destacaram-se em campeonatos sul-americanos, pan-americanos, mundiais e Jogos Olímpicos. Os resultados têm a ver com aspectos relativos à organização dos centros de treinamento e assistência profissional aos atletas, bem como a estruturação de equipes técnicas supervisoras para detecção e suporte dos novos talentos (NETO, 2012).

A CBV é responsável pelas seleções brasileiras infantis, infanto-juvenis, juvenis e adultas masculinas e femininas. Coordena o voleibol de praia e de quadra. Organiza as Superliga e a Superliga B. Prepara seu quadro de arbitragem. Desenvolve o projeto VivaVolei. Administra o Centro de Desenvolvimento de Voleibol de Saquarema (Aryzão) e também a Universidade Cooperativa do Volei.

CBV é responsável por realizar toda a parte técnica e logística dos campeonatos em território brasileiro. De norte a sul do Brasil, pelo menos uma vez por ano, cada Estado brasileiro recebe uma competição oficial organizada pela CBV. Além disso, a instituição supervisiona todas as atividades das seleções brasileiras masculinas e femininas das três categorias (adulta, juvenil e infanto-juvenil), bem como as atividades das seleções brasileiras de vôlei de praia nas três categorias (adulta, sub 21 e sub 19). São 27 federações estaduais filiadas a CBV. O gasto anual da instituição em 2011 em prol dos projetos do voleibol foi na ordem de R$ 5.134.824,00 (CBV, 2012).

O Centro de Desenvolvimento de Voleibol – Saquarema (Aryzão):

Tem como objetivo otimizar o programa de treinamento das seleções brasileiras em todas as suas categorias, promovendo uma maior integração entre as comissões técnicas e possibilitando uma maior interação entre os planejamentos. O projeto conta ainda com atendimento ao público por meio de ações sociais em suas dependências, além de promover

cursos de formação e reciclagem de árbitros, treinadores, dirigentes e profissionais do esporte (CBV, 2012).

O Centro de Desenvolvimento de Voleibol - Saquarema dispõe de: 108 MIL m² de área; 211 leitos em capacidade de hotelaria; 4 quadras de vôlei de praia; 4 quadras indoor duplas que podem virar 08 quadras de treinamento; 2 campos de futebol: 01 campo society e um campo de grama natural com dimensões oficiais; 2 quadras de tênis; 1 piscina semi-olímpica; 1 piscina infantil; 800 m² de sala de musculação e fisioterapia; 1 sala de estudo para 10 pessoas, 2 salas de reuniões (8 e 4 pessoas), 1 sala multiuso com 21 lugares, 2 Hidromassagens; Acesso internet wi-fi com cobertura em todo o complexo; Sala médica equipada para avaliação de atletas devidamente equipada, inclusive com teste ergométrico; Sala de pesquisa de novos equipamentos para preparação física; Sauna seca e a vapor; Auditório com capacidade para até 300 pessoas com todos os equipamentos áudio visuais; Restaurante; Museu do Vôlei; Sala de TV; Salão de jogos; Barcos a remo; Estacionamento; Bureau de impressão de merchandising (CBV, 2012).

O Instituto VivaVôlei:

Em 1999, criou o programa social VivaVôlei, distribuído por todo o país e que, desde a inauguração, já iniciou mais de 200 mil crianças na prática do esporte. O VivaVôlei é um Projeto de iniciação ao voleibol cuja diretriz é educar e socializar meninos e meninas de 7 a 14 anos através do esporte. São atendidas em média 27.000 crianças anualmente e 41 centros distribuídos pelo país. Belo Horizonte/MG - (9), Vitoria /ES - (1), Manaus/ AM - (2), Salvador /BA - (1), Belém /PA - (3), Porto Alegre /RS - (2), Rio de Janeiro/ RJ - (12), Porto Velho/RO - (1), São Paulo/ SP - (9), João Pessoa /PB - (1) (CBV, 2012).

Há também outros programas de desenvolvimento do voleibol que são iniciativas de parcerias entre empresas e prefeituras. Como é o caso do ‘’Instituto Compartilhar Bernardinho’’. Criado em 2003 foi inspirado no sucesso do projeto Núcleos de Iniciação ao voleibol no Estado do Paraná, desde 1997, que unia a experiência de Bernardinho no esporte. Com sua sede administrativa em Curitiba/PR, coordena Programa Socioesportivo por quatro projetos que atendem 3,5 mil crianças e adolescentes em cinco estados do País (PR, SP, RJ, RS, RN). (COMPARTILHAR, 2012).

A Universidade Oficial do Voleibol Brasileiro

A Universidade Corporativa do Voleibol foi concebida para educar, treinar, formar e qualificar profissionais disponibilizando o conhecimento da cadeia produtiva do esporte de forma organizada e padronizada para atuarem nas organizações esportivas, federações, clubes, entre outros.

Superliga

A Superliga é o nome fantasia, de propriedade da Confederação Brasileira de Voleibol - CBV, do 34ª Campeonato Brasileiro de Clubes e a 17ª da Superliga. Organizada e dirigida por esta Entidade é a competição máxima do calendário nacional, tendo por finalidade reunir as melhores equipes do país, constituindo-se na melhor representatividade técnica do voleibol brasileiro. É uma competição disputada anualmente nos naipes masculino e feminino, dentro do período previsto no Calendário Nacional. São 12 equipes em cada naipe. Em 2012 participaram pelo masculino SADA CRUZEIRO VOLEI, VOLEI FUTURO, VIVO/MINAS/ RJX, SESI-SP, CIMED/SKY, MELEY/CAMPINAS, BMG/SÃO BERNARDO, VOLTA REDONDA, BMG\MONTES CLAROS,UF JF e LONDRINA/SERCOMTEL. No feminino participaram as

equipes do SOLLYS/NESTLE, UNILEVER, VOLEI FUTURO, USIMINAS/MINAS, SESI-SP, BANA BOAT/PRAIA CLUBE, MACKENZIE/CIA DO TERNO, BMG/ SÃO BERNARDO, ESORTE CLUBE PINHEIROS, RIO DO SUL, MACAÉ SPORTS e SÃO CAETANO. A 19ª edição da principal competição entre clubes do país dará o saque inicial no dia 23 de novembro, com 222 partidas na fase classificatória.

Superliga B

A competição acontece em paralelo à primeira divisão e classificará o campeão para a Superliga A na temporada 12/13. O sistema de disputa da Superliga B é específico. Na fase classificatória, os times disputarão quatro rodadas em sistema de grand prix. Em cada etapa, uma equipe sediará os jogos. Todos jogarão contra todos e acumularão pontos dentro de seu respectivo grupo. Após a fase de classificação, os dois primeiros colocados de cada grupo terão vagas garantidas nas semifinais, que acontecerão em uma série melhor-de-três partidas. Os vencedores passarão para a final. O sistema de pontuação é o mesmo da Superliga A. O time que vence por 3 sets a 0 ou 3 sets a 1 soma três pontos. Quando o resultado for 3 sets a 2, o vencedor conquista dois pontos, enquanto o perdedor ganha um.

Registro de treinador e qualificação

Para obtenção do registro dos níveis de qualificação, o treinador deverá atender às seguintes exigências:

Treinador Nacional Nível I - Ter registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física e/ou provisionado com especificidade para trabalhar com voleibol e/ ou ter sido aprovado em Curso Nacional de Treinadores da FIVB, Nível I. Estará qualificado para trabalhar com iniciação ao voleibol.

Treinador Nacional Nível II - Ter registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física; Ter sido aprovado em Curso de Treinadores Nível III da CBV ou FIVB e/ ou ser pós-graduado *Lato-Sensu* em Voleibol. Estará qualificado para, planejar, treinar, dirigir equipes e atletas, até o nível infanto-juvenil, em competições oficiais da CBV.

Treinador Nacional Nível III - Ter registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física; Ter sido aprovado em Curso de Treinadores Nível III da CBV ou FIVB. Estará qualificado para, planejar, treinar, dirigir equipes e atletas, em todas as categorias, em competições oficiais da CBV.

Treinador Nacional Nível IV - Ter registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física; Ter sido aprovado em Curso Nacional de Treinadores da CBV, Nível IV. Estará qualificado para, planejar, organizar e dirigir programas para o Voleibol nacional, bem como dirigir equipes em todas as categorias, em competições oficiais da CBV.

Treinador Nacional Ouro - Treinador (e seu assistente) que obtiver na direção de Seleção Brasileira Título Olímpico ou Mundial (Campeão Olímpico, Campeão Mundial, Campeão da WorldLeague ou Campeão do Grand Prix).

Registro de Preparador Físico

Parágrafo Único: Para obtenção do registro na Confederação Brasileira de Voleibol o Preparador Físico deverá atender às seguintes exigências:

Preparador Físico Nível “A”: Ter registro no Conselho Regional de Educação Física, (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física; Ser pós-graduado

em treinamento desportivo (*Latu-Senso*); e Ter atuado como preparador físico em competição oficial da FIVB.

Preparador Físico Nível “B”: Ter registro no Conselho Regional de Educação Física, (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física; Ser pós-graduado em Treinamento Desportivo (*Latu-Senso*); Ter atuado como preparador físico em competição oficial da CBV.

Preparador Físico Nível “C”: Ter registro no Conselho Regional de Educação Física, (CREF); Ser Bacharel ou possuir Licenciatura Plena em Educação Física.

Preparador Físico Ouro(Título de Honra). Preparador Físico que obtiver com a Seleção Brasileira Título Olímpico ou Mundial (Campeão Olímpico, Campeão Mundial, Campeão da WorldLeague ou Campeão do Grand Prix).

Observação: Validade dos Cursos - Exceto para os Treinadores de qualificação Nível V (Título de Honra), os demais níveis previstos nas presentes normas (II, III, e IV) terão validade por quatro anos, inclusive o título obtido por curso graduação e de pós-graduação, e poderão ter o registro renovado mediante curso de atualização (CBV, 2012).

Perfil antropométrico das seleções brasileiras

O perfil antropométrico das categorias de base do voleibol brasileiro, masculino e feminino, nas equipes adultas. A organização da CBV para a detecção de talentos tem dado condição para seleção de jogadores altos, porém talentosos, versáteis.

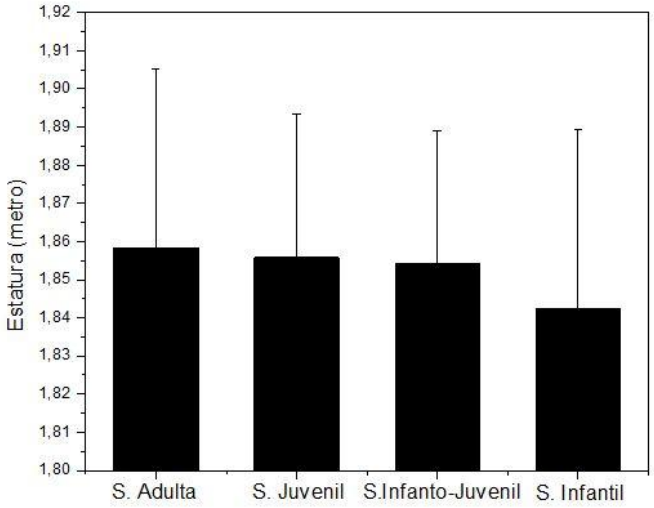
Tabela 1. Idade (média±desvio padrão) das seleções brasileiras de voleibol.

Seleções Femininas	
Seleção Adulta	28,7±2,67 anos
Seleção Juvenil	20±1 anos
Seleção Infanto-Juvenil	17±1 anos
Seleção Infantil	15±1 anos
Seleções Masculinas	
Seleção Adulta	30,17±3,82 anos
Seleção Juvenil	21±1 anos
Seleção Infanto-Juvenil	17±1 anos
Seleção Infantil	16±1 anos

Fonte: (Neto, 2012)

A Figura 1 apresenta média±desvio-padrão da estatura das 12 jogadoras mais altas pertencentes a cada seleção (no caso da seleção adulta, considerou-se as jogadoras convocados da última Copa do Mundo). Não se levou em consideração a estatura das jogadoras líberos.

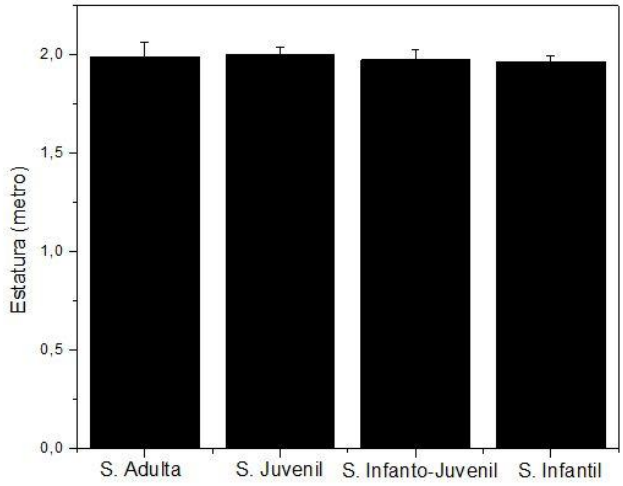
Figura 1



Fonte: (Neto, 2012)

A Figura 2 apresenta média±desvio-padrão da estatura dos 12 jogadores mais altos pertencentes a cada seleção (no caso da seleção adulta, considerou-se os jogadores convocados da última Copa do Mundo). Não se levou em consideração a estatura dos líberos.

Figura 2



Fonte: (Neto, 2012)

Anfilo e Shigunov (2004) em análise da categoria infanto-juvenil masculina observaram que a comissão técnica levou em consideração para as escolhas dos atletas estatura, a capacidade de salto, a velocidade de deslocamento e a condição técnica. Outros fatores além dos antropométricos, condicionantes, técnico-coordenativos, tático-cognitivos e psicológicos têm sido considerados, como a capacidade de liderança, espírito de equipe, coragem e determinação. Estas qualidades parecem prevalecer para a formação de todas as equipes de base.

A efetiva organização técnico-estrutural do voleibol brasileiro tem dado resultados alentadores nas categorias de base e com reflexos desejáveis pela CBV nas equipes adultas. O Brasil tem conseguido disponibilizar as mesmas condições de treinamento e preparação para todas as suas seleções. O desenvolvimento do voleibol brasileiro é quase um fato isolado

dentre os demais esportes, pois não se observa o mesmo grau de organização e estruturação das atividades ´meios` para o desenvolvimento.

Para Neto (2012) o padrão de qualidade e excelência nas estruturas de treinamento da CBV revelou-se um modelo vitorioso, colocando no mesmo patamar de rendimento e conquistas todas as suas seleções, das categorias de base à adulta, seja no masculino e no feminino. Considerando os esportes coletivos no Brasil, este é o único modelo implantado e que, curiosamente, não se expande para as demais modalidades. Conclui-se que embora tenhamos no Brasil uma grande densidade demográfica e vários desequilíbrios de ordem econômica e social podemos constatar que em termos de voleibol de rendimento o país consegue através dos investimentos de curto, médio e longo prazo se manter como referencial de trabalho no cenário mundial, sempre ocupando os melhores lugares nos ranques e revelando novos talentos a cada dia.

Palavras – chave: Voleibol; Brasil, Estrutura organizacional.

Referências

ANFILO MA, SHIGUNOV V. *Reflexões sobre o processo de seleção e preparação de equipes: o caso da seleção brasileira masculina de voleibol infanto-juvenil. Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano,* v.06, n. 01, p. 17-25, 2004.

Censo - http://censo2010.ibge.gov.br/, Acesso em 09 de outubro de 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL (2012). Disponível em: *www.cbv.com.br*. Acesso em 09 de outubro de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2007. http://www.ibge.gov.br/home/, Acesso em 09 de outubro de 2012.

NETO, J. M. F. A. *Breves considerações sobre o desenvolvimento do voleibol brasileiro*. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, n. 167, Abril de 2012. . HTTP://www.efdeportes.com. Acesso em 09 de outubro de 2012.

Endereço:
rua 1024, quadra 62, lotes 6/7, número 76,
Edifício Centurion, apartamento 803,
Setor Pedro Ludovico,
Goiânia-Go, CEP 74823040.